

---

## O OURO DO RENO

---



Wotan - baixo - Rei dos deuses. Os deuses moram na parte mais alta das montanhas. (Muita ambição, desejo de ostentação e luxo que, no seu entender, é o condizente com a importância augusta e insuperável dos deuses)

Donner - baixo - deus do trovão.

Froh - tenor - deus da juventude.

Loge - tenor - deus do fogo; estranho, hábil e astuto, foi quem sugeriu dar Freia em troca da construção do Walhalla.

Alberich - baixo - anão da raça dos Gibichungos, que moram em Nibelheim, cidade construída nas cavernas, abaixo do nível do Reno.

Mime - tenor - irmão de Alberich, conceituado ferreiro e ourives.

Fasolt - baixo - gigante, raça que mora perto do Reno.

Fafner - baixo - gigante.

Fricka - meio-soprano - deusa do lar e do casamento, mulher de Wotan, sempre lutando pela fidelidade do marido, num ambiente de domínio, poder, ociosidade, futilidade e ausência do amor.

Freia - soprano - irmã de Fricka, deusa da juventude, do amor e da beleza. Erda - meio-soprano - deusa da terra; conhece o passado, o presente e o futuro.

Donzelas do Reno (têm por incumbência a guarda do Ouro do Reno): Woglinde - soprano  
Wellgunde - soprano Fosskilde - meio-soprano

---

## Orquestração

Piccolo, 3 flautas, 3 oboés, corne inglês, 3 clarinetas, 3 fagotes, 8 trompas, 2 tubas tenor, 2 baixos de tuba (i.é. tubas wagnerianas, tocadas por 4 trompetistas), 3 contrabaixos, contrabaixo de tuba, triângulo, gongo, 6 harpas, 16 1os violinos, 16 2os violinos, 12 violas, 12 violoncelos, 8 contrabaixos.

Palco/bastidores: 18 bigornas de vários tamanhos, 1 martelo, 1 harpa.

(A obra é apresentada sem interrupção, com suas quatro cenas separadas por interlúdios orquestrais. Consta que Wagner, num quarto de hotel em La Spezia, ouviu o som da água corrente e revolvendo-se num acorde de mi bemol maior, repetindo-se incessantemente em figuras de arpejo, e teria tido aí a inspiração para o Prelúdio de O Ouro do Reno - explicação hidrocínética)

## O ANEL DO NIBELUNGO

O Ouro do Reno é o prólogo. Nos põe a par dos fatos que antecederam a maldição:

O caráter ambicioso de Wotan, o comportamento em geral dos deuses, o insensato sonho da construção do Walhala (Fricka pediu a construção do castelo para ter ao seu lado o marido, melomaniaco), a morada dos deuses, e, finalmente, a instalação de Wotan e sua corte no castelo fatídico. Começo do Ouro do Reno: as filhas do Reno brincam e uma lê Die Spinne (a aranha). São surpreendidas por Alberich, que as quer conquistar. Elas se insinuem para ele (eia, seu lindo, você me escutai), mas troçam dele. A luz do ouro fica radiante e elas revelam o segredo. Ele rouba o ouro, amaldiçoando o amor. Diz para as filhas do Reno: “Namorem agora no escuro, povo úmido!”

Quando roubado por Alberich o ouro do Reno, as ninfas também lançam uma maldição: quem o possuir sofrerá angústia. Profecia da 2a Norna: um dia Wotan irá imergir os fragmentos da lança quebrada no peito de Loge (deus do fogo) e depois jogá-los no meio dos pedaços do tronco e dos ramos da árvore da sabedoria (já secos), que fazem uma cerca em volta do Walhalla.

O ARGUMENTO (de Harry Kupfer - retirado da Produção de 1988 para Bayreuth, na qual toda a ação se passa em um mundo já devastado pela catástrofe, presumivelmente nuclear). A leitura de Kupfer põe em evidência a mensagem do Anel de que o abandono do amor e das sensibilidades mais elevadas da humanidade em favor da acumulação territorial e do aumento das posses materiais leva a uma espoliação da natureza e, em última análise, à destruição em escala planetária.

“O Ouro do Reno tem início com o Pecado Original.

O mundo - não está explicado se tinha nascido de uma catástrofe ou não - renasce, com uma nova vida. As criaturas com que nos deparamos - todas personagens do Anel, quer sejam deuses, anões ou gigantes, transparecem como espécies de homens diferentes e com potencialidades humanas diferenciadas - retomaram o rumo do seu destino. A decadência inicia-se com o furto do ouro do reno, na primeira cena. Alberich alcança o fundo do Reno, vê as filhas do Reno a nadar caprichosamente e delas se enamora, sofrendo porém zombarias cruéis;

em razão de um raio de sol que aparece dentro d'água, descobre a existência do ouro. Vem a saber das peculiaridades do ouro: ele ali está, puro por natureza, para servir de brinquedo, iluminando o rio e a dança das filhas do Reno; todavia, se um ser vivente renunciar ao amor - fato que possui um significado muito profundo - então poderá forjar com aquele ouro um anel, que lhe dará um poder infinito sobre os outros seres. Isto significa que, de meio de diversão, o ouro se transforma em moeda com a qual se pode comprar e vender, transmitindo um caráter desumano a todos os que o utilizem, porque a sede de bens materiais, o uso e o abuso do poder, excluem sempre o senso absoluto do amor. Alberich pronuncia os votos e renuncia ao amor, forja o anel e transforma-se na maior ameaça às demais criaturas que habitam este fabuloso universo.

Na cena seguinte, deparamo-nos com os deuses, no seu dia a dia, os quais, por negligência passada, se defrontam com um momento decisivo em seu destino: eles fizeram os gigantes construir o Valhalla sob a promessa de lhes dar, como recompensa, a Freia, deusa da juventude, sem ao menos se lembrarem de que Freia é dona do jardim das maçãs douradas, que os mantêm permanentemente rejuvenescidos. Wotan encontra-se, assim, numa situação desesperadora: a edificação do Castelo foi concluída, e os gigantes vieram reclamar o pagamento. Os deuses estão, ainda, confiados no semideus Loge - a encarnação do fogo -, que lhes prometeu ajuda. Loge esforçou-se por trazer para os gigantes uma recompensa equivalente ao valor de Freia, mas contou que nada há no mundo que possa substituir o amor de uma mulher e o conseqüente prazer.

A má ação de Alberich e os poderes que enfeixa, relatados por Loge, suscita a curiosidade dos gigantes, mas excita também o desejo dos deuses de possuir o anel e o ouro, mas, outros sim, graças ao anel, de reunir em suas mãos um poder ainda bem maior.

É então que começa o segundo pecado mortal, desta vez com dupla face: de uma parte, os gigantes, que agora desejam ser pagos com esse ouro, seriam enganados e, de outra parte, Wotan, até então guardião e garantidor do direito, viola a lei e utiliza essa violação para aumentar seu poder pessoal. Wotan, em companhia de Loge, transporta-se até Nibelheim, o mundo subterrâneo onde reina Alberich, apodera-se, mediante astúcia, do ouro e do anel, que confere o poder e termina por entregá-los aos gigantes, pagando assim a construção do Valhalla. Por um breve instante, Wotan porta o anel em seu próprio dedo, mas, advertido por Era da maldição de que está impregnado, ele o dá aos gigantes. Poucos minutos mais tarde, um dos gigantes mata o irmão. Esse homicídio marca o início de uma série ininterrupta de furtos, mortes, assassinatos e de imposturas que somente se findam com a morte de Siegfried, já ao final do Anel. Os deuses, todos em um instante horrorizados com o espetáculo desse crime, reencontram a calma novamente, e se posicionam diante do arco-íris, aponte que os conduzirá até o Valhalla. O Valhalla deverá ajudá-los a se defender e a consolidar seu poder pela eternidade. Com gritos de júbilo e sob o alto som de uma pomposa música, eles entram no Valhalla. Somente Loge, conservando-se distante, tem consciência de que seu fim está próximo; só ele consegue presentir a tragédia que irá se desenrolar.

WOTAN e os contratos - "... observai-o bem! Ele enfeixa em si a soma da inteligência humana de hoje!". Assim, escreveu Wagner, em 25/01/1854, a August Röckel, exprimindo duas características essenciais de Wotan: senhor dos deuses, e vítima de uma trágica ambivalência.

De um lado, o personagem, que Wagner diz assemelhar-se em muito ao homem do presente, não é senão um deus, ou mais ainda: a soma dos deuses. Com a ideia desenvolvida por Wagner, Wotan não é somente, em sua inteireza, um deus mitológico, mas também, um representante de sua própria época. Há ações sobrejamente humanas em Wotan: egoísmo, sede de poder, orgulho e crueldade. É um deus que, à maneira de um homem de poder, deve decidir sobre problemas que intensificam a contradição entre valor e poder, entre posse, autoridade e incapacidade. De outro lado, encontramos a questão de um personagem dotado de uma inteligência sobre-humana, que corresponde à soma de toda a inteligência humana de hoje. Essa inteligência excepcional permite a Wotan criar uma ordem universal fundada unicamente sobre pactos que ele cria.

Mas, o deus supremo termina por tombar como vítima fatal de um conflito ambivalente: o uso responsável de sua razão e de seu saber e a colocação a serviço de seus interesses de toda a sua sabedoria. A última alternativa constitui a origem do insucesso de Wotan.

Wotan criou, outrora, a ordem universal: as diferentes criaturas, os gigantes, os homens, os anões e os deuses deveriam viver em harmonia. Ele mesmo outorgou-se o papel de manter essa ordem universal, graças aos contratos (runas). Mas, já àquela época e bem antes de iniciar-se a ação do Ouro do Reno, o deus supremo contrariou a ordem universal, cometendo o pecado original. As Nornas narram, após o prelúdio do Crepúsculo dos Deuses, que um olho foi o preço que Wotan teve de pagar para poder beber da água da sabedoria que jorrava ao pé da árvore da vida. A primeira ação, a que o inspirou a sabedoria recém-adquirida, foi quebrar uma haste do freixo sagrado, a fim de com ela fazer uma lança, em cujo dorso inscreveria todos os contratos (escritos rúnicos). Wotan transformou, então, imediatamente, toda a sabedoria haurida em força e poder, mas sem se aperceber das funestas e fatais consequências, no fundo terríveis, mas abusivamente modernas: “No curso de longo tempo, a ferida consumiu o freixe; as folhas caíram, murchas; a árvore secou e morreu; a água da fonte tristemente se exauriu”. As Nornas cantam com lamento a violência perpetrada por Wotan contra a natureza da ordem universal. No momento em que Wotan é contemplado com o poder, a natureza começa a definharse.

No Ouro do Reno aparece um Wotan dominado tão-somente por metas decorrentes da sede de poder e, então, se torna culpado por um segundo pecado: ele faz construir o Walhalla, a fortaleza representativa de seu poder, com a intenção de abusar dos gigantes, pois exagera ao contratar a empreitada ao prometer dar como recompensa Freia, a deusa da juventude e do amor. Sabe que Freia é indispensável à vida dos deuses. Wotan vê-se em apuros quando é chamado a resolver o pacto, não podendo evitar que Freia seja levada pelos gigantes até o encontro de uma outra alternativa de pagamento. O expediente que utiliza constitui outro pecado: a fim de libertar Freia, presa na casa dos gigantes, ele rouba de Alberich o ouro do Reno, que este, após a renúncia ao amor, tinha subtraído das filhas do Reno. Wotan se torna ainda indubitavelmente culpado de vários atos malfeitos, pois infringe, ainda, pela edificação do castelo dos deuses para satisfação de sua própria vaidade, de seu poder, a ordem contratual que ele mesmo criou. Ele será levado mais tarde a expor a sua resignação, quando diz: “eu, guardião dos tratados, eu, agora, subjugado pelos tratados”.

## PRELÚDIO

PRIMEIRA CENA-Visão fantasmagórica do fundo do rio Reno. Uma débil luz azul-esverdeada permite distinguir enormes rochas depositadas no leito do rio. Bastante difusas, três figuras são vistas a nadar caprichosamente, divertindo-se em perseguições mútuas e evoluções graciosas. Geralmente, uma delas está lendo o livro “A Aranha” (Die Spinne). São as donzelas do Reno, cuja incumbência é zelar pela guarda de um precioso tesouro: o ouro do Reno. Em outro plano, no alto de uma rocha, vê-se uma repulsiva figura humana de anão da raça Nibelungo, de cabelos emaranhados e revoltos. Alberich, desajeitado, cambaio,

deslizando no lodo, faz todos os esforços para se aproximar das donzelas, embargando-lhes os passos e tentando abraçá-las. Ágeis e divertidas, elas conseguem sempre escapar do audacioso Alberich, rindo-se impiedosamente dele. Uma luz rósea começa a se fazer notar nas águas profundas. Ela simboliza a refulgência do misterioso ouro do Reno. Alberich, maravilhado, e sabendo que aquele efeito luminoso decorre do incalculável tesouro, indaga das donzelas qual o segredo daquele ouro. Sem perceber a extensão do mal que poderão causar com a revelação dos mistérios do Reno, as donzelas contam a Alberich que aquele que tiver poder suficiente para conseguir um anel feito com o ouro do Reno se tornará senhor de um poder sem limites. Será ainda mais poderoso do que os próprios deuses. Uma condição há, porém, para que esse alguém se possa investir desses extraordinários poderes. E essa condição é a renúncia para sempre ao amor. A ambição desmedida de Alberich faz com que seus olhos se incendeiem, mesmo se para tal fortuna seja necessária a tão terrível renúncia. Elevando-se ao cimo de uma rocha, proclama essa renúncia, em uma dramática exaltação. Corre, depois, ao local onde está guardado o ouro do Reno, arrebatando-o, com ele desaparecendo com um gargalhar zombeteiro e triunfante. Novamente a escuridão domina a cena. O ouro mágico foi roubado por Alberich, e nas trevas as donzelas do Reno lamentam-se profundamente, com desesperados gritos.

### WOGLINE VEIA, VAGAR!

Onda, tu, onda!  
Flutua para o berço  
Vagalaveia  
Valaá veialá veia!

*Motivo condutor: Motivo da evolução  
(Werde - Motiv)!*

### WELLGUNDE

WOGLINDE, velas tu sozinha?

*Motivo das ondas  
(Welen - Motiv)*

### WOGLINDE

Com WELLGUNDE, não somos duas?

*Motivo das Filhas do Reno  
(Rheintöchter - Motiv)*

### WELLGUNDE

Deixa-me ver, como tu velas.

### WOGLINDE

Com segurança, à tua frente.

**FLOSSHILDE**

Raiará véia!  
Irmã selvagem!

**WELLGUNDE**

FLOSSHILDE, põe-te a nadar!  
WOGLINDE está fugindo: ajuda-me a aprisionar a fugitiva!

**FLOSSHILDE**

Velais mal sobre o ouro adormecido.  
Vigiai melhor a cama de dormir,  
senão sereis ambas castigadas na execução de vossos deveres!

**ALBERICH**

Ei, ei! Vós ondinas!  
Como sois formosas, gente apetecível!  
Da noite de Nibelheim vim e me aproximo com prazer, se forem generosas comigo.

**WOGLINDE**

Ei! Quem está aí?

**FLOSSHILDE**

Amanhece e alguém chama...

**WELLGUNDE**

Espia, quem nos espreita!

**WOGLINDE, WELLGUNDE**

Pfui! O feio antipático!

**FLOSSHILDE**

Vigiai o ouro!  
O pai advertiu sobre semelhante inimigo.

**AS TRÊS FILHAS DO RENO**

Que queres tu aí em baixo?

**ALBERICH**

Estorvo a vossa representação, se permanecer pacificamente aqui parado?  
Mergulhai para cá embaixo, que o Nibelungo vos acompanhará na brincadeira...

**WOGLINDE**

Ele quer brincar conosco?

**WELLGUNDE**

É uma troça dele?

**ALBERICH**

Como no brilho pareceis claras e belas!  
Como tomaria em meus braços, com prazer, a delgada, se ela se enfiasse graciosamente até aqui.

**FLOSSHILDE**

Agora eu rio de medo:  
O inimigo está apaixonado!

**WELLGUNDE**

O cobiçoso tipo esquisito!

**WOGLINDE**

Vamos conhecê-lo!

**ALBERICH**

Elas inclinam-se para baixo.

**WOGLINDE**

Agora, aproxima-te de mim!

**ALBERICH**

Xisto antipático, escorregadio, escorregadiço!

Como eu escorrego!

Nem apoiando-me nas mãos e nos pés eu deixo de escorregar nesta pedra. O elemento molhado e úmido enche-me o nariz.

Maldito espirro!

**WOGLINDE**

Espirrando, aproxima-se meu pomposo pretendente!

**ALBERICH**

Sejas minha namorada,

Tu, juvenil donzela!

**WOGLINDE**

Queres me fazer a corte?

Então, faze-o aqui!

**ALBERICH**

Ó dor; tu me escapas?

Ora, vem de novo!

Para mim é difícil o que tu tão facilmente consegues fazer...

**WOGLINDE**

Passa para o fundo:

Lá tu me pegarás em segurança!

**ALBERICH**

Muito melhor aqui embaixo.

**WOGLINDE**

Agora, porém, para cima!

**WELLGUNDE, FLOSSHILDE**

Rá! rá! rá! rá! rá!

**ALBERICH**

Como posso pegar num salto  
um peixe que foge rápido?  
Espera, tu, falsa criatura!

**WELLGUNDE**

Raiá! Tu, amigo!  
Tu não me ouves?

**ALBERICH**

Estás me chamando?

**WELLGUNDE**

Eu te dou um bom conselho: dirige-te para mim, evita WOGLINDE!

**ALBERICH**

**TU ÉS MUITO MAIS BELA DO QUE AQUELA MEDROSA, QUE É MENOS  
BRILHANTE, E, NA VERDADE, ESCORREGADIA.**

Somente mergulhando fundo queres me servir?

**WELLGUNDE**

Estou agora perto de ti.

**ALBERICH**

Ainda não o suficiente!

Os elegantes braços me entrelaçam, a tua cabecinha eu toco e a provoco com  
carinhoso ardor.

Em teu intumescido seio eu me aconchego!

**WELLGUNDE**

Estás enamorado e ávido de volúpia. Deixa-me ver, belo amigo: qual é o teu aspecto?

Pfui! Tu és peludo, janota corcundo! Escuro, caloso, anão de enxofre.

Busca um amigo ao qual tu dês prazer!

**ALBERICH**

Eu não agrado a ti, não é, mesmo assim te seguro firmemente. WELLGUNDE

Segura firme, senão eu escapo.

**WOGLINDE**

Rá, rá, rá, rá, rá.

**ALBERICH**

Falsa criança! Fria, peixe frio cheio de espinha!

Se eu não te pareço belo, engraçado e provocador, escorregadio e brilhante, ei, então  
vai fazer a corte às enguias, se para ti minha pele for repugnante.

**FLOSSILDE**

Por que te zangas, pesadelo? Já tão desanimado?

Tu fizeste a corte a duas dentre nós, se tu perguntares à terceira, a bem-amada te dará  
doce consolação.



**ALBERICH**

Ela me dirige doce canção.  
Como é bom que de vocês uma não seja igual.  
Pelo menos a uma eu agrado, e até agora ninguém me deu um beijo.  
Devo crer em ti, desliza então para cá!

**FLOSSHILDE**

Como sois bobas, estúpidas irmãs!  
Este não vos parece belo?

**ALBERICH**

Por estúpidas e feias, me é permitido tê-las, depois que eu te vi, toda amável.

**FLOSSHILDE**

Ora, vamos, canta, ainda, tão doce e delicadamente, de forma a seduzir sublimemente meus ouvidos!

**ALBERICH**

Meu coração hesita, palpita e se consome, quando me sorris tão gracioso elogio.

**FLOSSHILDE**

Como tua graça alegra meus olhos, e a doçura de seu sorriso me refresca o ânimo.  
Homem feliz!

**ALBERICH**

A mais doce donzela.

**FLOSSHILDE**

Somente sejas generoso comigo!

**ALBERICH**

Eu te escolho para sempre!

**FLOSSHILDE**

Teu olhar penetrante, tua barba eriçada, ó pudesse eu vê-lo sempre, o faria continuamente.  
Teus eriçados cabelos, robustas mechas, acariciam sempre FLOSSHILDE!  
Tua feição de sapo, tua voz coaxando, ó pudesse eu, admirada e muda, ouvir e ver somente elas.

**ALBERICH**

Dor! Ó dor! Ó desgosto! Ó desgosto!  
A terceira, tão querida, também me enganou?  
Abominável gentalha astuciosa! Miseravelmente perversa! Só alimentam embustes, ondinhas, pérfida corja?

**AS TRÊS FILHAS DO RENO**

Vallalá! Lalalaia! Laiallalai!  
Raia! Raia! Raia!  
Envergonha-te, Albe!  
Não resmungue aí embaixo!

Ouve o que nós de dizemos!  
Por que, seu medroso, tu não agarraste a donzela que tu amavas?  
Nós somos fiéis e sem fraude ao pretendente que nos conquistar. Aproveita a oportunidade e não te apavores!  
Nas ondas, nós não escapamos tão desembaraçadamente!  
Vallalá! Lalalaia! Laialá!  
Raiá! Raiá! Raiá!

**ALBERICH**

Em meus membros, qual fogo ardente, algo me queima e me arde! Fúria e amor selvagem e potente excitam meus ânimos!  
Como vós tendes rido favoravelmente e mentido,  
eu me inflamei de desejo imoderado por vocês,  
mas uma de vós há de sucumbir aos meus cometimentos!  
Que este punho agarre uma!  
(Do alto, uma claridade mais e mais viva atravessa as ondas e faz resplandecer de um clarão dourado um ponto da rocha)

**WOGLINDE**

Vejam, irmãs! O clarão que desperta ri no abismo!

**WELLGUNDE**

Através das ondas esverdeadas, ele saúda o glorioso adormecido. FLOSSHILDE  
Agora ele lhe beija seus olhos, para que o abra!

**WELLGUNDE**

Vejam, ele sorri num clarão resplandecente, maravilhoso!

**WOGLINDE**

Através das ondas corre sua estrela brilhante!

**AS TRÊS FILHAS DO RENO**

Raia iarraia! Raiaiarraia! Vallalallalala laiaiarraia!

Ouro do Reno! Ouro do Reno!

Joia luminosa, como tu ris tão resplandecente e sublime!

Raio incandescente emana santamente de seus olhos!

Raiaiarrai! Raiaiarrai!

Desperta, amigo; desperta, alegria!

Do encantador divertimento nós te fazemos oferenda: o rio cintila, as ondas brilham, quando abraçamos teu leito, mergulhando, dançando e cantando, num maravilhoso banho.

Ouro do Reno! Ouro do Reno! Raiaiarraia! Vallalallaia Raiaiarrai!

**ALBERICH**

Que é aquilo lá, náíades, que brilha e resplandece?

**AS TRÊS FILHAS DO RENO**

De onde tu vens então, rouco, que jamais ouvistes falar no Ouro do Reno?

**WELLGUNDE**

Nada sabe o pesadelo anão do olho do Ouro, que alternadamente acorda e dorme?

**WUOLINDE**

Nada da maravilhosa estrela das águas profundas, que lança seu clarão sublime através das ondas?

**AS TRÊS FILHAS DO RENO**

Vê quão felizes nos deslizamos no resplandecente brilho!

Queres tu, medroso, nele te banhar? Então nada e enleva-te conosco! Vallalalaia laialalai!

**ALBERICH**

Vossas brincadeiras de natação só valem para o ouro?

Então valem pouco para mim!

*(Motivo do Reno)*

**WUOLINDE**

O adorno do ouro ele não injuriaria, se soubesse tudo de suas maravilhas!

**WELLGUNDE**

A herança do mundo poderia ganhar, quem forjasse um Anel do ouro do Reno, que lhe daria poder sem medida.

*(Motivo da Renúncia)*

**FLOSSILDE**

O pai já nos disse e nos ordenou que guardássemos com prudência o brilhante tesouro, a fim de que nenhum falsário o arranque das ondas: por isso, irmãs tagarelas, ficai caladas!

**WELLGUNDE**

Tu, a mais prudente irmã, justo tu nos acusas?

Tu não lembras mais, então, a quem somente sozinho poderá ser permitido forjar o ouro?

**WUOLINDE**

Somente a quem recuse a força do amor. Somente a quem afugente o prazer do amor. Somente esse obterá para si a mágica para forjar um Anel com o ouro. WELLGUNDE Cheias de segurança nós estamos e livres de preocupações, pois o que somente vive, deseja amar, e ninguém quer afastar-se do amor.

**WUOLINDE**

Muito menos ele, o lascivo anão.

Ávido de amor, preferiria morrer de amor.

**FLOSSILDE**

Eu não o temo, como eu o encontrei: o calor do seu amor quase me queimava.

**WELLGUNDE**

Um incêndio de enxofre, na torrente das ondas: cheio do furor do amor, ele, colérico, sibilava alto.

### **AS TRÊS FILHAS DO RENO**

Vallala! Vallalaialala! Mui querido Albe, tu também não ris?  
No clarão do Ouro, como brilhante tu ficas e belo!  
Ó vem, querido, ri conosco! Raiaiarraia! Raiaiarraia!  
Vallalalala laiaiarrai!

### **ALBERICH**

A herança do mundo eu ganharia sozinho através de vocês?  
Se eu não obtenho a força do amor, posso astuciosamente alcançar alegria?  
Zombem com a vossa alegria! O Nibelungo está perto de vosso brinquedo!

### **AS TRÊS FILHAS DO RENO**

Raia! Raia! Raiaiarrai!  
Salvai-vos! O anão está preso de furor!  
Nas águas saltam faíscas por onde ele passa: a força do amor o enlouquece!

### **ALBERICH**

Ainda não estais apavoradas? Então namorem agora no escuro, povo úmido!  
A luz de vocês eu a extingo; o ouro eu retiro do recife:  
eu forjo o Anel vingador. Para tanto, que a maré cheia ouça isto:  
Assim eu amaldiçoo o amor!

### **FLOSSHILDE**

Parai o ladrão!

### **WELLGUNDE**

Salvai o ouro!

### **WOGLINDE, WELLGUNDE**

Socorro! Socorro!

### **AS TRÊS FILHAS DO RENO**

Ó dor! Ai de nós!

## **SEGUNDA CENA**

No decorrer do interlúdio sinfônico, a paisagem se transforma. As águas do Reno cedem lugar a pesadas nuvens, as quais, desfazendo-se depois, deixam contemplar o imponente cume de uma montanha. Ao fundo, em outro monte bem alto, vê-se grandioso castelo brilhando ao sol nascente. Em primeiro plano aparecem Wotan, o rei dos deuses, e sua mulher, Fricka, a deusa do lar e do casamento. Repousam ambos em um aprazível outeiro, e depois de iluminar-se bastante a cena, os dois personagens mitológicos despertam e põem-se a admirar a magnificência do castelo, que por ordem de Wotan fora construído por dois gigantes, Fasolt e Fafner. Por muita ambição, desejoso de ostentar um luxo que no seu entender seria condizente com a importância augusta e insuperável dos deuses, Wotan fizera um trato com os dois gigantes pelo qual, terminada a tarefa da construção da gigantesca morada dos deuses, o chamado Valhalla, eles poderiam levar consigo sua cunhada Fréia, deusa da juventude, do amor e da beleza. A mulher de Wotan, Fricka, exaspera-se ante a promessa do marido, que qualifica de

louca. Insiste em que ele proteja a irmã contra a pretensão de Fasolt e de Fafner e pede que os induza a exigirem outra recompensa pelo trabalho que tiveram. Pouco depois é a própria Freia quem surge ante Wotan, pedindo-lhe que não a deixe ir em companhia dos gigantes. Mas, ao que parece, agora é por demais tarde. A passos decisivos, pesados e impressionantes, Fasolt e Fafner se aproximam, dispostos a receber a recompensa prometida por Wotan. Os dois gigantes percebem que Wotan e sua mulher pretendem ludibriá-los. Brutalmente se apoderam de Freia, mas os irmãos da jovem - Froh, deus da juventude, e Donner, deus do trovão - intervêm com grande ira. Wotan, alçando a lança, proíbe que travem luta. Tudo está nesse impasse quando um estranho, o hábil e astuto deus do fogo, Loge, propõe-se trazer a melhor solução para o problema. Na verdade, Loge havia induzido Wotan a fazer aquele trato com os gigantes, e o rei dos deuses, vendo que se aproximava a hora do cumprimento de sua palavra, isto é, a entrega de Fréia aos dois enormes construtores do Valhalla, enviara o deus do fogo, Loge, a todas as partes da terra a fim de descobrir algo que pudesse ser dado a Fafner e a Fasolt em troca da deusa da juventude, da beleza e do amor. Loge afirma que, durante sua peregrinação, não conseguiu encontrar coisa alguma que tivesse, entre os homens, maior valor do que a juventude, a beleza e o amor. Mas, forçando a memória, Loge recorda-se da figura do anão ALBERICH. Esse renunciara a tais dons em favor do ouro que lhe trouxe extraordinário poder. E tão grande foi o poder a ele concedido, que chegou mesmo a amaldiçoar o amor. Ouvindo essa narrativa de Loge, os gigantes Fafner e Fasolt não escondem seu interesse pelo tesouro de que ALBERICH é agora o possuidor. Os dois confabulam ou pouco, à parte, e depois fazem a contraproposta: se lhes for garantida a posse do ouro mágico, de bom grado abrirão mão de Freia, mas até que isso seja conseguido reterão em seu poder a deusa, em garantia. Acertada a condição, os dois gigantes arrastam brutalmente a deusa. A cena começa a escurecer. A ausência de Freia, a deusa da juventude e da beleza, determina o envelhecimento rápido de todos os demais deuses, que só então se dão conta dos dons de que foram privados. Wotan, mais do que depressa, resolve fazer a incursão ao reino dos nibelungos, nas profundezas da terra, a fim de conseguir o Anel para resgatar Freia. Acompanhado de Loge, o deus do fogo, desce por uma fenda na rocha.

**FRICKA**

WOTAN, meu esposo, acorda!

**WOTAN**

O encanto da Sala bem-aventurada me resguarda com portão e porta: a honra do homem, força sem fim, se eleva para uma eterna glória!

**FRICKA**

Desperta do delicioso engano dos sonhos!  
Acorda, homem, e te repõe!

**WOTAN**

A obra imortal chegou ao fim:  
No cume da montanha, o castelo dos deuses resplandece esplendidamente como construção ímpar! Como eu sonhei; como eu concebi...

Como a minha vontade o fez surgir, grande e belo, se o descortina lá, majestoso, soberbo edifício!

**FRICKA**

Somente felicidade ele te traz,  
e o que me assusta?

Enquanto o castelo te embevece, deixa-me inquieta por causa de FREIA.

Descuidado! Deixa-te lembrar do salário que foi ajustado!

O castelo está construído, vence-se a fiança.

Queres olvidar o que tens de retribuir em troca?

**WOTAN**

Bem eu sei o que eles estipularam,  
aqueles lá que construíram o castelo para mim.

Através de contrato eu domino sua arrogante raça, que edificou para mim a nobre morada.

Ela está pronta e acabada - graças aos gigantes: em relação ao salário combinado, não te preocupes.

**FRICKA**

Que volubilidade radiante e criminoso!

Otimismo sem consistência!

Se eu tivesse tido a tempo conhecimento de vosso contrato, teria impedido essa trapaça..

Mas, corajosamente, vós, homens, arredastes do concerto as mulheres, para tratar sozinhos com os gigantes.

Desta maneira, sem nenhum pudor, nem cometimento, mas, alegres, haveis dado FREIA, minha doce irmã, como presa de uma delituosa barganha.

Que importância tem para vós uma situação destas, sagrada e de valor, se vós, homens, só aspirais avidamente pelo poder?

**WOTAN**

Semelhante cobiça era com certeza estranha à FRICKA, quando ela mesma me exigia esta construção?

**FRICKA**

Inquieta quanto à tua fidelidade conjugal,  
pus-me tristemente a refletir sobre como a mim prender-te,  
porquanto a aventura te atraía a lugares distantes.

Esplêndida morada, sedutoras mobílias, seriam motivo para deter-te aqui por um demorado descanso.

Mas, tu, ao empreenderes a construção, não meditavas senão  
em defesa e fortificação: de dominação e poder a cidadela devia-te  
enriquecer,

mas tão-só para provocar inquietação sem trégua é que o imponente  
edifício  
foi construído.

**WOTAN**

Quiseste tu, mulher, prender-me na fortaleza;  
mas, tu deves bem concordar comigo, o que eu, um deus,  
prisioneiro num forte, ganharia do mundo exterior.  
Mudança de vida, reviravolta, ama quem vive: eis porque de tal jogo eu não posso me  
furtar.

**FRICKA**

Ser insensível, homem muito enfadonho!  
Pela vã futilidade do poder e da dominação, perdes em zombarias sacrílegas o tesouro  
do amor e o valor da mulher?

**WOTAN**

Eu pus em perigo um de meus olhos, para te merecer como esposa: como, agora, me  
lanças essa censura de estúpido!  
Com efeito, eu honro as mulheres muito mais do que tu gostarias!  
E FREIA, a bem amada, eu jamais a abandonaria.  
Nunca passaria por minha cabeça tal ideia.

**FRICKA**

Então protege-a, agora!  
Sem proteção, ela acorreu apressadamente até aqui, em busca de socorro!

**FREIA**

Ajuda-me, irmã! Protege-me WOTAN!  
Do penhasco, lá em baixo, FASOLT ameaça-me de vir arrebatá-lo-me.

**WOTAN**

Deixa-o ameaçar!  
Não viste LOGE?

**FRICKA**

Que sempre dás preferência em confiar no velhaco!  
Muitos aborrecimentos ele já nos causou, todavia, sempre te leva a fazer o que quer por  
meio de seus artifícios!

**WOTAN**

Quando simples coragem é o suficiente, sozinho eu não consulto ninguém;  
mas, quando alguém se sujeita à hostil inveja, aprende-se esperteza e astúcia  
somente como LOGE manhosamente a exercita.  
Ele, que para o pacto me aconselhou, prometeu libertar FREIA;  
Nele, portanto, confio agora.

**FRICKA**

E ele te deixa sozinho!  
Lá, caminhando depressa, vêm os gigantes: onde se meteu a tua esperta ajuda?

**FREIA**

Onde estão meus irmãos, que não vêm me socorrer,

por que meu cunhado se aproveitou da minha fraqueza?

Ajuda-me, DONNER!

Aqui! Aqui!

Salva FREIA, meu FROH!

**FRICKA**

Aqueles que em uma aliança maldita te traíram, eles todos agora se escondem.

**FASOLT**

Afável castelo.

Sonho de teus olhos:

Nós dois o construímos, lentamente.

Com muito suor, nunca exaustos,  
mas, solidamente, pedra sobre pedra.

Torres altas, portas e portões, fechaduras e trancas.

A sala do elegante castelo ali está, tudo como nós acordamos.

Sagrado e brilhante, no ensolarado dia.

Então, mude-se e pague-nos o prêmio!

*(Riesen-Motiv)*  
*(Motivo dos gigantes)*

**WOTAN**

Indiquem, gente, o prêmio: o que vocês acham justo?

**FASOLT**

O que nos parece justo é o que foi estipulado: disto tu não te recordas?

FREIA, a bem-amada, Holda (a terna e bela), a livre, como foi pactuado, nós a levamos para casa.

**WOTAN**

Vos sentis confortados com vosso contrato?

Pensem em outro agradecimento:

FREIA para mim não está à venda.

**FASOLT**

Que dizes tu? Ah, pensas em traição?

Traição ao contrato? As runas que portam tua lança,  
são elas brincadeira para ti:

as runas sagradas dos contratos deliberados?

**FAFNER**

Lealíssimo irmão!

Agora, palerma, percebes a fraude?

**FASOLT**

Tu, filho da luz,

pleno de desembaraço,

escuta e retém na memória:

tem fidelidade aos contratos!

O que tu és, deves exclusivamente a eles:



tudo bem pesado, é limitada a tua autoridade e poder.  
Tu és tão sábio, como engraçados somos nós,  
foste além dos limites conosco, que viemos aqui em paz:  
eu praguejo contra todos os teus desejos,  
eu afugentarei para bem longe a tua paz,  
se tu não quiseres, aberta, honrada e livremente,  
guardar a fidelidade aos contratos!  
Um gigante estúpido te dá este conselho: tu, sábio, aprende isto dele!

**WOTAN**

Como tu astuciosamente levaste a sério o que em brincadeira acordamos!  
A amável, luminosa e graciosa deusa, para que servirá a vocês, tolos, o seu encanto?

**FASOLT**

Tu nos ironizas?  
Ah, quanta injustiça!  
Vós que reinais pela beleza, raça nobre e brilhante;  
como vós, tolamente, ambicionais montes de pedras,  
para depois colocar nos salões do castelo mulheres deliciosas como  
prendas.  
Nós, grosseiros, nos metemos em árduo trabalho, suando em bicas, as mãos cheias de  
calos, para ganhar uma mulher, a qual, doce e delicada, iria habitar ao nosso lado, nós  
pobres criaturas: E tu, agora, declaras o ajuste absurdo?

**FAFNER**

Cessa tua vã tagarelice, não angariamos ganhos: a prisão de FREIA ajuda pouco.  
Mais vale tirá-la do regaço dos deuses.  
Douradas maçãs nascem no seu jardim.  
Ela, somente ela, cultiva as maçãs!  
O néctar da fruta serve à sua gente para nunca perder a juventude. Nunca o estado  
florescente dos deuses se degrada; doenças e fraqueza; velhice e debilidade vão embora.  
Eles não podem ficar sem FREIA.  
Por isso que ela deve ser levada para longe do seu convívio!

**WOTAN**

LOGE demora muito!

**FASOLT**

Despretensioso, dê agora a decisão!  
18

**WOTAN**

Pensai em outro soldo!

**FASOLT**

Nenhum outro: somente FREIA!

**FAFNER**

Tu, aí, siga-nos!

**FREIA**

Socorro! Socorro contra os brutos!

**FROH**

Vem para junto de mim, FREIA!

Ficai aí, insolentes!

FROH protege a bela.

**DONNER**

FASOLT e Fafner,

já não sentistes o golpe possante de meu martelo?

**FAFNER**

Que significa essa ameaça?

**FASOLT**

O que instais com ela?

Não é o combate que nós temos como melhor escolha; nós reclamamos tão-somente nosso salário.

**DONNER**

Por muitas vezes eu paguei aos gigantes o seu preço. Aproximem-se! O valor da recompensa eu pesei com bom preço!

**WOTAN**

Para, tu, selvagem!

Nada com violência!

O cabo de minha lança é a garantia dos contratos: poupa a batida do teu martelo!

**FREIA**

Ó dor! Ó dor!

WOTAN me abandona!

**FRICKA**

Eu ainda o compreendo, homem cruel?

**WOTAN**

Finalmente LOGE!

Apressa-te, então, para dar cabo do negócio que horrendamente fechaste?

**LOGE (LOGE-MOTIV)**

Como? Que negócio teria eu fechado?

Tem algo a ver com os gigantes, aquilo que lá no Conselho decidiste? Minha inclinação me impele somente aos abismos e aos cumes.

Palácio e salão não fazem o meu gênero: DONNER e FROH pensam em teto e mobília! Querem casar-se; uma luxuriante morada deve alegrá-los.

Um imponente salão, um vigoroso palácio, bem conforme, está ao nível de WOTAN. Luxuosa casa e pátio, sobranceiro palácio e salão, o bem-aventurado castelo, está construído e firme.

A magnífica construção eu a revisei pessoalmente.  
Se tudo estava como projetado, eu pesquisei rigorosamente:  
FASOLT e Fafner fizeram trabalho satisfatório.  
Nenhuma pedra se mexe na estrutura.  
Eu não estava ocioso como muitos aqui: esses mesmos que me rotulam de negligente.

**WOTAN**

Astuciosamente tu te esquivas de me engodar; evita com lealdade!  
De todos os deuses, teu único amigo sou eu,  
que te escolhi no infortúnio, confiante num consolo.  
Então, fala e aconselha com inteligência.  
Quando os construtores do castelo exigiram FREIA como recompensa, tu sabias que eu concordei unicamente porque tu prometeste solucionar no seu tempo essa sublime contenda.

**LOGE**

Com extrema preocupação, estou refletindo sobre isso, como se poderá solucionar o problema - eu prometi.  
Mas, como encontraria o que não existe e nunca pode ser alcançado, como poderia isso ser prometido?

**FRICKA**

Vê em que falso maroto confiaste!

**FROH**

Tu te chamas LOGE,  
Mas eu te apelido de Mentiroso!

**DONNER**

Maldita Chama,  
a ti eu facilmente apago!

**LOGE**

Para esconder a vergonha, os tolos me difamam.

**WOTAN**

Deixem o amigo em paz!  
Vocês não conhecem a arte de LOGE;  
Pesa mais o valor de seu conselho, quando ele o dá com dilação.

**FAFNER**

Sem mais delongas!  
Rápido no pagamento!

**FASOLT**

Muita conversa e atraso com o pagamento.

**WOTAN**

Agora ouve, recalcitrante!

Seja convincente!  
Por onde andaste vagueando prá cá e prá lá?  
Fazendo o quê?

### **LOGE**

A ingratidão é sempre a recompensa de LOGE!  
Estando inquieto somente por ti, eu descortinei tudo ao redor de mim, eu esquadrinhei impetuosamente todos os recônditos da terra, para procurar algo equivalente a FREIA que pudesse ser aceito de bom grado pelos gigantes.

Em vão eu procurei,  
e eu vejo bem, como agora, que no mundo inteiro nada há que possa corresponder ao preço de regozijar o homem, em substituição às delícias e ao valor da mulher!

Tão longe onde haja vida e existência, na água, na terra e no ar, eu muito fiz perguntas, eu me tornei presente em todos os lugares, onde quer que algo se mova e os germes cresçam: que é que para o homem poderia bem parecer mais importante que as delícias e o valor da mulher?

Mas também longe, onde há vida e movimento, havia somente zombaria para minha questão especiosa: na água, na terra e no ar, ninguém queria perder por nada os dons do amor e da mulher.

Um só eu encontrei que abjurou o amor:  
por um ouro avermelhado, ele renunciou solenemente aos dons da mulher.

As claras meninas do Reno me revelaram sua aflição.

O nibelungo, o escuro ALBERICH, cortejou em vão a intimidade das banhistas.

O ouro do Reno, como vingança, foi roubado pelo ladrão: agora para ele tornou-se presentemente o bem mais precioso, mais sublime que a graça da mulher.

Pelo brilhante brinquedo arrancado das profundezas do Reno, a lamentação das filhas do Reno tem ressoado até mim: a ti, WOTAN, elas recorrem, para chamares às contas o ladrão e trazer de volta o ouro para a água e que lá ele permaneça para sempre como seu bem.

Eu prometi às ondinas de levar até a ti sua reclamação: agora LOGE honrou a palavra dada.

### **WOTAN**

Tu és insensato, senão totalmente pérfido!

Tu me vês, eu mesmo, em uma enrascada: como posso eu ajudar outros a se salvar?

### **FASOLT**

Eu tenho inveja do Albe com esse ouro,  
o nibelungo provocou antes um grande número de dificuldades, mas, ardiloso, o anão tem sempre escapado de nossa sujeição.

### **FAFNER**

O nibelungo vai intentar novas atrocidades contra nós, se o ouro lhe der poder.

### **TU, AÍ, LOGE!**

Dize, sem falsidade:

que grande prêmio tem então esse ouro para que ele seja tão suficiente ao nibelungo?

**LOGE**

Uma futilidade ele é, estando nas profundezas das águas, fazendo sorrir de felicidade as meninas do Reno.

Todavia, se ele vem a ser forjado e transformado em anel, ele o ajudará a obter o supremo poder, a conquista do mundo.

**WOTAN**

Eu ouvi murmurar do ouro do Reno:

seu brilho vermelho protege as runas de roubo; poder e tesouros, um anel lhe dará sem medida.

**FRICKA**

Poder-se-ia usar, como belos ornamentos para mulher, argolas de joias reluzentes desse ouro?

**LOGE**

A fidelidade do esposo a mulher conseguiria, se ela portasse graciosamente a brilhante e reluzente joia forjada pelos anãos. Agiria com o constrangimento do poder do anel.

**FRICKA**

Meu marido bem que poderia conquistar para si o anel.

**WOTAN**

Ser dono do anel me parece oportuno.

Mas, como, LOGE, poderia eu aprender essa arte?

Como eu posso forjar a joia?

**LOGE**

Uma mágica rúnica faz o ouro tornar-se um anel.

Ninguém a conhece, todavia, um a exercitará facilmente, desde que renuncie ao afortunado amor.

Mas tu já podes te poupar dessa aplicação.

Tu a conseguirás, noutra parte, oportunamente:

ALBERICH não hesitou. Sem temor, ele conquistou o controle da magia: o anel ele já o obteve.

**DONNER**

O controle de nós todos o anão exercerá, se o anel não lhe for arrancado.

**WOTAN**

Eu devo ter o anel!

**FROH**

Facilmente se o obterá agora, sem amaldiçoar o amor.

**LOGE**

De uma facilidade até ridícula:

sem ser feiticeiro, como em um jogo de criança!

**WOTAN**

Então aconselha-nos, como?

**LOGE**

Através do roubo!

O que um ladrão afanou, podes tu dele roubar: a posse da coisa jamais adquirida se obtém mais facilmente?

Mas sobre uma defensiva bulhenta ALBERICH mantém a posse: com astúcia e destreza, tu deves proceder.

Chama às falas o ladrão, através do direito,

para devolver às filhas do Reno o ouro, seu vermelho brinquedo: foi para isso que elas te imploraram.

**WOTAN**

Das filhas do Reno?

A que me serve esse conselho?

**FRICKA**

Da raça aquática eu não quero nem saber:

elas o seduziram no banho - para minha aflição -

Mais de um homem já passou por suas intrigas amorosas!

**FAFNER**

Creiam em mim, mais do que FREIA o ouro brilhante é frutuoso: também poderá alcançar a juventude eterna, quem dominar a magia do ouro.

Escuta, WOTAN, a esperada palavra!

FREIA fica em paz! Uma recompensa mais fácil eu encontro como solução e anulação do contrato:

para nós, rudes gigantes, o ouro vermelho do nibelungo é suficiente. WOTAN

Estais vós em vossos perfeitos juízos?

O que eu não possuo, devo eu, sem pudor, presentear-vos?

**FAFNER**

Foi muito pesado construir aquela fortaleza lá: será fácil para ti com astúcia e força (o que no jogo da inveja nós nunca conseguimos), pegar o nibelungo. WOTAN

Devo eu esforçar-me pelos vossos interesses contra o Albe?

Para vós devo eu capturar o inimigo?

Descarados e gananciosos, vos fazeis de tolos. Meu agradecimento!

**FASOLT**

Para cá, donzela!

Em nosso poder!

Como prenda tu agora nos pertences, até encontrarmos outra solução.

**FREIA**

Ó dor! Ó dor! Ó dor!

**FAFNER**

Para longe daqui, que ela seja levada!

Até à noite, prestem bem atenção, cuidamos dela bem, como refém: nós voltaremos;  
mas se ao nosso retorno  
não estiver preparado em resgate o ouro brilhante e vermelho do Reno- FASOLT  
-então o termo chegará ao fim, e  
FREIA estará perdida:  
para sempre ela ficará conosco.

**FREIA**

Irmã! Irmãos!  
Salvem-me! Ajudem-me!

**FROH**

Eia! Atrás deles!

**DONNER**

Então que se o quebre todo!

**FREIA**

Salvem-me! Ajudem-me!

**LOGE**

Por bosques e pedras, através do vale eles se arrastam pesadamente;

Pelo vau do Reno patinam os gigantes;

É sem alegria que FREIA pende sobre as costas dos brutos!

Reia! rei!

Como os grosseiros marcham lá em baixo com passadas cambaleantes! Através do vale  
eles caminham pesadamente agora: e não é sem dúvida que já na fronteira de Riese-  
nheim eles fazem a primeira parada!

O que sente agora WOTAN tão desumano?

Como se sentem os augustos deuses?

Ilude-me um nevoeiro?

Um sonho faz troça de mim?

Como inquietos e lívidos vós envelheceis tão de repente!

Apaga-se a luz em vossas faces; o olhar de vossos olhos se apaga! Coragem, meu FROH,  
ainda é sim bem de manhã!

Tua mão, DONNER, deixa sim cair o martelo!

O que acontece com FRICKA?

Ela já não se alegra com a lividez melancólica de WOTAN, que de fato mais parece  
um ancião?

**FRICKA**

Ó dor! Ó desgraça!

O que aconteceu?

**DONNER**

Não tenho força nas mãos.

**FROH**

Meu coração para de bater!

**LOGE**

Agora, eu acho que descobri: ouvi, o que vos faz falta!

Vós ainda não haveis saboreado hoje as frutas de FREIA: as douradas maçãs do seu jardim vos fazem ativos e jovens, e vós as comeis todos os dias.

A zeladora do jardim foi agora tomada como refém: estão agora nos galhos as frutas apodrecendo; logo elas estragadas cairão no chão.

A mim isso, esse fato, incomoda menos.

Com efeito, para mim, FREIA sempre economizava a deliciosa fruta, porque eu também não sou nem a metade tão autenticamente sublime que nem vós!

Ora, vós apostastes tudo na fruta rejuvenescedora: e isto os gigantes sabiam; eles atentaram bem para o vosso modo de viver: Agora, procuram uma forma de preservá-los! Sem as maçãs, velhos e acidentados, anciãos e tristes, desacreditados e objeto de mofa no mundo inteiro, se extingue a linhagem dos deuses.

**FRICKA**

WOTAN, meu esposo, desafortunado!

Vê o que a leviandade trouxe a todos nós: ultraje e vergonha

**WOTAN**

Levanta, LOGE, desce comigo!

Para Niebelheim desceremos: eu quero conseguir o ouro.

**LOGE**

As filhas do Reno te fizeram um apelo: podem elas esperar em ser atendidas?

**WOTAN**

Calado, tagarela!

FREIA, a amável,

FREIA é com quem eu me preocupo de libertar.

**LOGE**

Como quiseres,

eu te conduzo prontamente em linha direta: subiremos, então, através do Reno?

**WOTAN**

Não através do Reno!

**LOGER**

Então nós nos lançaremos pelo abismo de enxofre: lá eu me enfio contigo para dentro!

**WOTAN**

Vós outros esperai até à noite aqui:

eu conquistarei o ouro que devolverá a juventude perdida!

**DONNER**

Boa viagem, WOTAN!



**FROH**

Boa sorte! Boa sorte!

**FRICKA**

Oh, retornem logo para suas aflitas mulheres!

**TERCEIRA CENA**

Na caverna subterrânea de Nibelheim, onde ALBERICH mantém, trabalhando como escravos, faiscando ouro, forjando armaduras, os nibelungos. Ouve-se outro interlúdio orquestral enquanto o palco se cobre de espesso fumo, à medida que Wotan, o rei dos deuses, e Loge, o deus do fogo, descem às profundezas da terra. Ouve-se o tilintar das picaretas e dos martelos a vibrar sobre bigornas, anunciando a aproximação da oficina em que escravos nibelungos trabalham sob as ordens do anão ALBERICH. ALBERICH se compraz em ser o mais impiedoso possível com seus escravos. Aos poucos a fumaça se desfaz e a caverna pode ser vista facilmente. ALBERICH forjara com o ouro roubado o Anel que lhe daria poderes sobrenaturais. Daí o fato de estar exercendo seu terrível domínio sobre os nibelungos. Trabalham os escravos para retirar cada vez mais ouro das profundezas da terra. Mime, irmão de ALBERICH, conhecido pelas suas habilidades de ferreiro, foi forçado pelo poderoso irmão a trabalhar incessantemente até conseguir criar um elmo encantado, o Tarnhelm, capaz de tornar invisível quem o colocar sobre a cabeça. Depois de concluir a tarefa, Mime demonstra estar interessado em guardar o elmo encantado para seu próprio uso. ALBERICH considera isso uma insolência e o castiga fisicamente com violência, deixando-o aterrorizado. Pouco depois, por uma fenda na rocha, chegam Wotan e Loge, concluindo a descida ao reino inferior. Comandando com arrogância os nibelungos, ALBERICH se defronta, de repente, com os dois visitantes e não esconde sua ira. Agora - proclama - que possui o poder supremo, que vingar-se-á, mesmo contra os deuses, de todas as humilhações sofridas. Wotan, que não está acostumado a insolências de quem quer que seja, brande no ar a lança contra o audacioso ALBERICH. Loge, porém, astucioso e perfeitamente ciente do poder que se enfeixa nas mãos do anão, acha que outro procedimento deve ser usado contra o ambicioso e atrevido nibelungo. Começa a lisonjeá-lo pelo poder de que está investido, cumprimenta-o, mas faz-lhe sentir que em absoluto não acredita que tenha realmente todo o poderio de que se orgulha. Quanto ao Tarnhelm, o elmo mágico, revela suas dúvidas sobre a possibilidade de esse elmo tornar invisível ou transformar em qualquer coisa desejada a pessoa que eventualmente o utilizar. ALBERICH sente-se profundamente satisfeito por poder demonstrar a força do seu poder mágico. Põe o elmo na cabeça e logo desaparece numa nuvem de fumaça. Imediatamente, a um canto, surge a figura de enorme e repulsiva serpente. Wotan e Loge não escondem sua admiração. Ainda uma vez mais hábil, Loge pede a ALBERICH, que agora, se lhe for possível, se transforme em um ser pequeno, um sapo. Mais do que depressa, ALBERICH executa o sortilégio, e Wotan, não perdendo tempo, põe-lhe imediatamente o pé em cima, enquanto Loge retira o elmo mágico. Assim, capturado e amarrado, sob essa horripilante forma, ALBERICH é levado para cima, para a entrada da caverna, na superfície da terra, e depois preso para o Walhalla.

**ALBERICH Ê, Ê! Ê! Ê!**

Aqui! Aqui!

Anão pérfido!

Arrogante, tu serás por mim atormentado,  
se tu não me fizeres, findo o prazo, como eu encomendei,  
no tempo certo, a fina joia!

**MIME Ô! Ô!**

Ai! Ai!

Solta-me, logo!

Pronta ela está, como tu ma ordenaste; com zelo e suor, ela foi moldada:  
Tira as unhas de minha orelha!

**ALBERICH**

Por que então tu hesitaste e não me a mostraste?

**MIME**

Eu, um pobre, te digo, que ainda falta alguma coisa.

**ALBERICH**

O que não estaria ainda pronto?

**MIME**

Aqui... e ali.

**ALBERICH**

O quê aqui e ali?

Para cá a joia!

Tu a forjaste e a moldaste bem, como eu te ordenei!

Assim, o néscio queria me enganar astuciosamente,

guardar para si a sublime joia, que minha astúcia o ensinou a forjar!

Estúpido ladrão, eu não te conheço bem?

À cabeça se ajusta o elmo:

Se eu mostrar também a mágica?

“Noite e cerração, semelhante a alguém!”

Tu me vês, irmão?

**MIME**

Onde estás tu?...Eu não te vejo...

**ALBERICH**

Mas sentirás no entanto a minha presença, indolente! Patife!

Toma isto pelo teu desejo de ser ladrão!

**MIME**

Ô! Ô!

Ai! Ai! Ai!

**ALBERICH**

Rá! Rá! Rá! Rá! Rá! Rá!

Agradece, ó estúpido!

Tua obra se revela boa.

Rôô! Rôô!

Vós todos, nibelungos, inclinai-vos aqui diante de ALBERICH!

Ele se encontrará em todo lugar para vos vigiar.

Repouso e descanso estão proibidos para vocês!

Para ele, vós deveis produzir lá onde vós não o podeis ver, lá onde vós não o podeis  
divisar, atendei-vos na sua presença.

Sereis sempre seus colaboradores.

Sereis sempre súditos dele!

Rôô! Rôô!

Escutai-o: ele se aproxima, o mestre dos nibelungos!

**LOGE**

Aqui é Niebelheim:

através de pálido nevoeiro como ali flamejam faíscas incandescentes?

**MIME**

Ai! Ai! Ai!

**WOTAN**

Alguém geme ruidosamente aqui:

O que está na rocha?

**LOGE**

Que prodígio te faz gemer aqui?

**MIME**

Ô! Ô!

Ai! Ai!

**LOGE**

Ei, MIME! Ágil anão!

Que é que te atormenta tanto assim?

**MIME**

Deixa-me em paz!

**LOGE**

VERDAdeiramente é bem isto que eu te desejo!

E mais ainda: escuta, eu quero ajudar-te, MIME!

**MIME**

Quem me ajudaria?

Eu devo obedecer ao meu próprio irmão, que me fez cativo.

**LOGE**

Tu, MIME, cativo? Quem deu a ele esse poder?

**MIME**

Com um malévolos artifício, ALBERICH se fez dono do ouro do Reno, um amarelo anel:

sua forte magia nos faz tremer de espanto; com ele subjuga todos, tenebroso exército do nibelungo.

Forjávamos des preocupados, fazíamos outrora adornos para nossas mulheres, joias delicadas, graciosos colares dos nibelungos: nós nos encantávamos com nosso trabalho fatigante.

Presentemente, o vilão nos força a nos enfiarmos nas cavernas, a fim de trabalharmos sem parar e só para ele, sem qualquer recompensa.

Através do ouro do anel, sua imoderada cobiça adivinha onde qualquer clarão está escondido nas galerias e fissuras:

lá nós devemos nos meter à busca do ouro e escavar, derreter o que achamos e forjar, sem repouso nem trégua, o ouro encontrado e empilhar o tesouro de nosso mestre.

**LOGE**

Tua indisposição para o trabalho, então, tem causado sua raiva?

**MIME**

Ai de mim! É sobre mim, desafortunado, é sobre mim que ele exerceu a mais rude violência:

ele me ordenou que fabricasse um elmo de metal em malha;

Minuciosamente, ele me instruiu como fazê-lo.

Eu logo percebi, usando o bom senso, qual poderosa força a especial obra possuiria.

Então eu decidi, ao fazer o elmo, ficar com ele para mim, a fim de, através de sua magia, escapar da violência de ALBERICH.

Talvez, sim, talvez, então eu mesmo pudesse sobrepujar em trapaça o importuno, fazê-lo cair em meu poder e arrancar-lhe o anel.

Assim, da forma como agora eu sirvo de criado ao audacioso, ele viria a se transformar em meu escravo; eu livre!

**LOGE**

Por que então, tu, tão inteligente, não lograste sucesso no teu intento? MIME

Ai de mim! Eu que fabriquei a obra com esmero, a magia que dela emana, a magia, eu não consegui adivinhar como descobri-la e utilizá-la. Comigo não fazia efeito!

Aquele que me inspirou a obra e que a arrebatou de mim, aquele lá me ensinou agora - lamentavelmente já tarde demais - qual astúcia é imanente ao elmo: ele desapareceu perante os meus olhos como por encanto; a torto e a direito, batia-me invisivelmente com seu braço.

Ali tendes esse que, eu, estúpido, me lisonjeava à maneira de agradecimento!

**LOGE**

Confesso, não vai ser fácil ter êxito na captura.

**WOTAN**

Mas o inimigo sucumbirá, graças à astúcia.

**MIME**

Com vosso interrogatório, quem sois vós, então, estrangeiros?

**LOGE**

Amigos de ti;

Por vossa necessidade, livraremos o povo do nibelungo.

**MIME**

Precavenham-se!

ALBERICH aproxima-se!

**WOTAN**

Bem, esperaremos por ele aqui.

**ALBERICH**

Aqui, para lá!

Rêrê! Rôrô!

Exército preguiçoso,

lá, empilhado, amontoai o tesouro!

Tu, lá, volta para a mina!

Queres avançar?

Povo vergonhoso, deposita alegremente!

Devo eu vos ajudar?

Todos para aqui!

Rê! Quem está lá?

Quem conseguiu penetrar aqui?

MIME vem até mim,

mesquinho patife, tu tens seguramente tagarelado com os dois errantes? Avante, tu aí preguiçoso! Queres ao mesmo tempo forjar e dormir?

Ei! Ao trabalho!

Todos longe daqui!

Descei rapidamente!

Aos novos poços, extraí-me o ouro!

O chicote vos espera, se vós não escavardes rapidamente!

Que ninguém banque o preguiçoso, afiança-me MIME, senão vais te dar muito mal com o ímpeto do meu açoite: que, em todo lugar se encontra, onde ninguém me presume estar, que eu sei, parece-me, claro!

Ainda hesitais?

Vacilais vagabundeando?

(Ele retira do dedo seu anel e o brande com um gesto ameaçador) Tremei de pavor, orda subjugada: obedeam rápido ao anel do senhor!

O que quereis aqui?

**WOTAN**

De Nibelheim, terra de pernoite, ouvimos falar sobre recentes novidades: poderosos prodígios, realiza aqui ALBERICH:

Para nos saciarmos com esse espetáculo, viemos dar com as caras aqui, nós, como hóspedes.

**ALBERICH**

Para Nibelheim vos conduziu foi a cobiça:  
portanto, ousados hóspedes, creiam-me, eu os conheço bem.

**LOGE**

Tu me conheces bem, pueril pesadelo?  
Então dize: quem sou eu, que tu assim afugentas?  
No buraco frio, lá acampavas de cócoras, quem te deu luz e reaqueceu com labaredas,  
quando LOGE nunca ainda sorrira para ti?  
De que te serviria tua arte de forjar, se eu não aquecesse tua forja?  
De ti eu sou primo e de ti eu fui amigo: eis porque teu agradecimento não me parece  
de um homem nobre!

**ALBERICH**

Aos deuses da luz LOGE ri presentemente, o ardiloso velhaco:  
tu és falso para com o teu amigo, como de mim amigo um dia foste,  
rá, rá! Eu estou contente.  
De vocês eu não temo nada.

**LOGE**

Assim eu penso, podes confiar em mim?

**ALBERICH**

Em tua deslealdade eu confio, não em tua lealdade!  
Mas, atrevidamente, eu menosprezo a todos!

**LOGE**

Teu poder te dá arrogante coragem: grande irado como cresceu em ti  
a força.

**ALBERICH**

Vês tu o tesouro que meu exército me amontoou lá?

**LOGE**

Assim invejável eu ainda nunca tinha visto.

*Hort-Motiv - motivo do tesouro*

**ALBERICH**

Isto é somente para hoje, um montinho escasso: atrevido e poderoso, deve ele no futuro  
se multiplicar.

**WOTAN**

Para que te serve, então, o tesouro,  
pois Nibelheim está sem alegria  
e já que nada desse ouro aqui está à venda?

**ALBERICH**

Ao constituir tesouros e colocá-los em segurança, servem-me à noite de Nibelheim.  
E, com o tesouro amontoado na caverna, eu penso executar muito em breve prodígios:  
eu submeterei a mim, como bem próprio, através dele, o mundo inteiro!

**WOTAN**

Como começarás isto, ó bondoso?

**ALBERICH**

Vós que viveis na aragem do suave ar, lá nas alturas, que réis e amais:

com meu punho dourado, eu vos prendo a todos vós, divinos!

Como eu renunciei ao amor, a tudo que vive devo renunciar!

Com o ouro dominado, somente por ouro vós deveis ainda ansiar.

Vós vos divertis lá nas alturas bem-aventuradas, de uma suave vibração: os nibelungos, vós os menosprezais, eternos gozadores!

Tenhai cuidado! Tenhai cuidado!

Porque vós outros, homens, vós ireis servir, primeiro que tudo, à minha autoridade:

mas vossas mulheres elegantes, que serão rejeitadas em meu palácio real, elas, o anão as constrangerá ao seu prazer, mesmo se o amor não lhe sorria mais!

(Obs.: Como o fez com a rainha dos Gibichungs, Grimhilde, de cuja relação sem amor nasceu Hage, criado sem amor e com dons de feiticeiro. ALBERICH foi atraído só pelas riquezas dela.)

Rá! Rá! Rá! Rá!

Ouvistes e entendestes?

Tenhai cuidado! Tenhai cuidado com o tenebroso exército, quando o tesouro do Nibelungo ressurgir da silenciosa profundidade para a luz do dia!

**WOTAN**

Pereça, louco criminoso!

ALBERICH O que ele diz?

**LOGE**

Seja então sensato!

(ao ALBERICH)

Quem, então, não estaria tomado de estupefação ao presenciar a experiência da obra de ALBERICH?

Se alcança um resultado a tua magnífica astúcia, tudo que tu exiges com a posse do tesouro, eu devo te enaltecer como o mais poderoso do que existe, porque a lua, as estrelas e o sol brilhante, mesmo eles não poderão ser indiferentes: eles deverão te servir!

Mas, eu estimo como mais importante, antes de tudo, que a acumulação do tesouro, a raça dos nibelungos obedecer-te sem inveja.

Tu, audaciosamente, brandiste um anel,

diante do qual teu povo tremia de pavor:

mas e se, durante o teu sono, um ladrão te surpreender

e te arrancar o anel com astúcia; dize-me, então, como te defenderás?

**ALBERICH**

LOGE acredita ser ele o mais astucioso, falacioso: os outros, ele os considera sempre como estúpidos:

Que eu deveria precisar de seu conselho e de seu serviço, e até com um penoso agradecimento,

e isto o ladrão ouviria com satisfação.

O Elmo que me faz invisível, eu o inventei para mim mesmo.

O mais destroso ferreiro, MIME, o forjou para mim.

Tão rápido, ele me transforma no que eu desejo, mudando minha aparência.

O Elmo me socorre!

Ninguém me vê quando me procura,

todavia, eu estou em todos os lugares a salvo dos olhares.

Assim, despreocupado, em lugar seguro, eu posso estar bem à tua frente, amigo, pleno de doce mas dispensável preocupação.

**LOGE**

Eu tenho visto muita coisa, e já encontrei coisas extraordinárias, mas, tal prodígio, eu jamais contemplei.

Numa obra dessa, sem paralelo, eu não posso acreditar:

seria uma coisa rara, impossível; então, teu poder duraria eternamente.

**ALBERICH**

Crês que eu minto e me vanglorio, como LOGE?

**LOGE**

Enquanto eu não verificar isso na prática, ó anão, em coloco em dúvida a tua palavra!

**ALBERICH**

De prudência te pavoneias até rebentar de estupidez!

Queres, agora, atormentar-se de inveja?

Decide, pois, sob que forma devo aparecer num instante diante de ti?

**LOGE**

Na que tu desejares. Procura deixar-me mudo de admiração! ALBERICH (pondo o elmo sobre a cabeça)

Verme gigante que se enrola e se retorce encaracolando.

*Wurm-Motiv - Motivo do dragão.*

**LOGE**

Oh! Oh! Pavoroso réptil, não me devores! Poupa a vida de LOGE!

**WOTAN**

Rá! Rá! Rá! Rá! Ótimo, ALBERICH!

Ótimo, tu és muito mal!

Como o anão se tornou grande rapidamente, até se transformar num gigantesco dragão! (O réptil desaparece, e ALBERICH, sob a forma real, reaparece instantaneamente)



**ALBERICH**

Ei! Ei! Vós inteligentes, credes, agora, em mim?

**LOGE**

Meu tremor pode te atestar! Em grande serpente tu rapidamente te transformaste: porquanto eu constatei, eu creio de boa vontade no milagre.

Mas, tu, como ficaste grande, podes tu também te tornar inexpressivo e pequeno?

É assim aquilo que me pareceria mais prudente:

para te salvars dos perigos, pelo ardil. Mas isso me parece extremamente difícil!

**ALBERICH**

Muito difícil para ti, porque tu és demasiado estúpido!

Como pequeno devo eu ficar?

**LOGE**

Que a mais diminuta fenda te contenha, onde o sapo precavido se esconde.

**ALBERICH**

Bá! Nada mais fácil! “Observa aqui!”

(Ele põe novamente o elmo)

Torto e cinzento, sapo te arrasta!

**LOGE**

Lá, o sapo! Prende-o rápido!

(WOTAN põe o pé sobre o sapo; LOGE segura-o pela cabeça e pega o Elmo com a mão)

**ALBERICH**

Ah! Maldição! Estou preso!

**LOGE**

Retém-no firme! Até que eu o amarre.

Agora, rápido para cima: lá ele nos pertence.

### QUARTA CENA

Estamos de novo no cimo de uma alta montanha, mas o castelo de Wotan, colocado em uma elevação ainda maior, não é visto, pois há denso nevoeiro. Wotan e Loge, trazendo o prisioneiro ALBERICH, retomam à superfície da terra, vindos do mundo inferior dos nibelungos. ALBERICH, o anão ludibriado por Loge, está possesso; mas, os dois - Wotan e Loge - escarnekem da ira impotente do anão e ordenam-lhe que faça imediata entrega de todo o ouro. ALBERICH está possuído de uma indignação cada vez maior, mas só o que lhe resta, nessa circunstância, é utilizar seu poder mágico para conclamar seus escravos, do fundo da terra, a trazerem para cima o ouro acumulado. Súbitos aparecem numerosos anões trazendo às costas sacos carregados de ouro. Ao ver que também o Tarnhelm, o Elmo mágico, vai acabar ficando em poder de Wotan, ALBERICH suplica que lhe devolvam o valioso elmo. Wotan não apenas recusa atender-lhe a súplica, mas ordena ainda que ALBERICH seja despojado do anel, forjado com o ouro do Reno. O anão vê redobrar sua fúria. Era justamente com a posse do anel, que ele julgava passasse despercebida, que reaveria o tesouro perdido para Wotan e os deuses.

Ele prefere morrer a perder o anel. Wotan, entretanto, não se comove e, mais brutal do que nunca, arranca a mágica e preciosa joia do dedo de ALBERICH. O anão, levado ao paroxismo da ira, proclama a maldição que dará origem a todas as decorrências trágicas do ciclo: “Que esse Anel traga angústia e morte a todos que o possuírem, inveja aos que não o tiverem, até que retome à posse de seus legítimos donos, os Nibelungos.” Dito isso, ALBERICH deixa a cena. Fafner e Fasolt, os gigantes que levaram Freia, a deusa da juventude, em penhor da próxima entrega da prometida riqueza, retornam agora dispostos a conseguir de Wotan o cumprimento da promessa. Quando Freia volta à cena, os deuses remoçam milagrosamente. Os gigantes exigem, para a devolução de Freia, que o tesouro, agora sob a posse de Wotan, seja empilhado em frente à deusa da juventude até que não mais eles possam vê-la, isto é, que o ouro consiga cobrir inteiramente a visão de Freia. Posto o ouro à disposição dos dois, observam eles que não podem ainda estar satisfeitos, porquanto os cabelos da deusa estão visíveis (assim eles não poderão esquecê-la!). Loge, ante essa reclamação, e muito a contragosto, é forçado a colocar sobre a pilha de ouro o Elmo encantado. Fasolt, um dos gigantes, descobre que afinal ainda se podem ver os olhos de Freia, através de uma pequena fresta. E para vedar essa fresta, pede a Wotan que lhe dê o anel que o rei dos deuses está usando. A isso Wotan se recusa com veemência. Irrados, Fafner e Fasolt ameaçam levar de volta Freia. Estão as coisas nesse ponto quando subitamente a cena se torna escura. O antigo espírito da terra, Erda - a deusa que nada ignora do passado, do presente e do futuro - faz uma importante aparição. Aparição profética, para anunciar o fim dos deuses. Aconselha a Wotan que dê aos dois gigantes o anel forjado com o ouro do Reno. Previne-o de que o fim de seu poder está à vista. Pouco depois a visão da deusa da terra se desfaz e a claridade do dia retorna à cena, vendo-se Wotan terrivelmente preocupado. Enfim, o rei dos deuses joga o anel sobre a riqueza empilhada à disposição dos gigantes, e estes, profundamente contentes, se preparam para partir. Não tarda, e os dois gigantes se desentendem quanto à partilha, e Fasolt acaba sendo, à vista de todos, morto por Fafner que, sozinho, começa a transportar, para si apenas, o cobiçado tesouro. Ninguém tem dúvidas de que a maldição de ALBERICH surtiu seu primeiro efeito. Resolvido, afinal, o caso do anel, Wotan e os deuses de sua corte se preparam para caminhar em direção à nova morada suntuosa, o Walhalla. A música que acompanha a entrada dos deuses no Walhalla sucede a atmosfera macabra que é gerada pelo roubo do ouro do Reno e subsequente ameaçadora briga entre os gigantes, Fasolt e Fafner. Os deuses, horrorizados pelo instantâneo efeito do anel amaldiçoado, ficam petrificados. Donner, deus do trovão, agita um martelo vendo-se um relâmpago e o ribombar de um trovão. O nevoeiro que dominava a cena se desfaz, deixando perceber as torres do castelo do Walhalla, a brilhar orgulhosamente ao sol da tarde. O vale é coberto por um gigantesco arco-íris que conduz exatamente à entrada do suntuoso castelo. Wotan e sua corte recomeçam a se encaminhar para o Walhalla, movendo-se sobre esse mágico arco-íris. E enquanto isso ocorre, das profundezas do vale, onde flui o rio sagrado, ouve-se elevar a angústia das Donzelas do Reno, lamentando ainda e sempre o ouro roubado. Wotan, que tem muitos motivos de temor e remorso, ordena a Loge que as faça calar. As vozes lamurientas das donzelas morrem ao longe, enquanto a poderosa música da Entrada dos Deuses no Walhalla empolga toda a orquestra. Do outro lado de um enorme vale, o Walhalla resplandece a luz do sol poente; entre ele e os deuses reunidos estende-se uma ponte brilhando com as prismáticas cores do arco-íris. Os deuses caminham em fila através da

ponte rumo ao castelo, à medida que as donzelas do Reno lamentam a perda de seu ouro. Os deuses acompanham Wotan, todos, exceto Loge, que prefere não partilhar do destino de seus companheiros. Seu plano é firmar-se sobre a ruína inevitável, a ruína que se abaterá sobre os demais deuses.

Observações de Roberto Oswald: “Em todas as mitologias, o futuro dos homens se sela quando são abandonados pelos deuses e se sentem em tão irreversível situação que nada podem fazer contra essa superior decisão. Curiosamente, assim como os homens morrem quando o decidem os deuses, estes perecem quando os homens deixam de crer neles. O amadurecimento de Brünhilde, enganada, a faz elevar-se ao nível de heroína. É notável como a reflexão psicológica de Wagner chega a contradizer Feuerbach, quando desqualifica a sua jovem ignorante e inconsciente de toda condição heróica, e como os princípios de Proudhon passam a segundo plano com a imolação de Brünhilde, único personagem de todo o ciclo que chega a colocar o Anel duas vezes no próprio dedo. Esse objeto, sucessivamente símbolo de poder, propriedade improdutiva, ambição, compromisso e legado, se transmuta novamente, no epílogo, no que nunca deveria deixar de ser: um simples elemento da natureza, encerrando assim, circularmente, o ciclo dessa epopéia do homem, do passado e do presente, na qual, agradavelmente, reaparecem outra vez fundidos os quatro elementos principais: água - terra - fogo - ar. Será o futuro melhor? Ou é simples utopia?”

### **LOGE**

Olá, primo, sentes-te agora seguro!  
Espia, querido, lá está o mundo, o qual tu vorazmente desejavas conquistar:  
Dize-me que exíguo lugar lá me predestinaste como casinha suja!

### **ALBERICH**

Infame trapaceiro!  
Tu, pérfido! Tu, patife!  
Desmancha a ráfia, solta-me,  
senão tu repararás a injúria; tu, insolente!

### **WOTAN**

Tu estás preso, solidamente atado por mim, exatamente como o mundo, que vive e tece, tu já o imaginavas em teu poder.  
Na prisão, diante de mim, tu estás.  
Tu, temeroso, isto não podes negar!  
Para te libertares, necessitas agora de um resgate.

### **ALBERICH**

Ó, eu, palerma! Eu, tolo sonhador!  
Quão ignorante eu confiava na bandida fraude!  
Terrível vingança!  
Vingue-se o descuido!

### **LOGE**

Deve a vingança apiede-se de ti?  
Na presença de todos, aconselha-te a ficares livre: nenhum libertino manda o homem

cativo fazer penitência.

Por isso, pensa em vingança.

Então, rápido, sem demora, encontra primeiro um resgate! ALBERICH

Exigi, então, o que desejardes!

**WOTAN**

O tesouro e o teu ouro brilhante.

**ALBERICH**

Raça de ávidos gatunos!

Ah, se eu retiver comigo somente o anel,

do tesouro eu posso então desembaraçadamente me privar:

porque ele estará em pouco tempo reganhado e deliciosamente nutrido pelo comando do anel.

Uma reviravolta engraçada seria,

que me tornaria sábio:

eu não pagaria caro demais pelo ensino,

se a lição somente me custasse as bugigangas.

**WOTAN**

Entregas então o tesouro?

**ALBERICH**

Soltem-me a mão, que eu o faço vir.

Aí tendes: os nibelungos eu os chamei até aqui.

Ao senhor obedecendo, eu os escuto trazerem o tesouro das profundezas à claridade do dia.

Agora soltem-se desta enfadonha corda!

**WOTAN**

Ainda não, até que tudo esteja pago.

(Os nibelungos surgem vindos do abismo, carregados das joias do tesouro.)

**ALBERICH**

Ó vergonhosa desonra, que os medrosos servos possam me ver cativo!

(Aos nibelungos.)

Amontoai lá como eu o ordeno, tudo amontoado, empilhai o tesouro!

Devo eu vos ajudar, paralíticos?

Não olhai para cá!

Rápido, lá, rápido!

Pois deveis afastar-vos daqui para trabalhar para mim!

Ide para as galerias!

Ai de vós, se eu vos achar preguiçosos!

Eu vos seguirei no encalço.

Pago eu já o tenho: agora deixai-me ir embora!

E o adereço do elmo que LOGE retém lá, dai-me agora amistosamente de volta!

**LOGE**

Como multa pertence também ao despojo.

**ALBERICH**

Maldito ladrão!

Tenha santa paciência!

Aquele que me fez o antigo elmo

me forjará um outro:

eu detenho ainda o poder,

que MIME obedece.

Na vERDAde isto é mal, deixar ao astuto inimigo os meios astuciosos de defesa!

Pois, então! ALBERICH deixou tudo para vós: agora soltem-me, vós malvados, a corda!

**LOGE**

Estás satisfeito?

Posso deixá-lo livre?

**WOTAN**

Um anel de ouro repousa em teu dedo: Entendeste, anão?

Eu estimo que ele faz parte do tesouro.

**ALBERICH**

O Anel?

**WOTAN**

Para tua libERDAde, deves tu deixá-lo para mim.

**ALBERICH**

A vida - mas nunca o anel!

**WOTAN**

Eu exijo de ti o anel:

Com a vida fazes o que tu quiseres.

**ALBERICH**

Se eu resgato meu corpo e minha vida,

o anel também, eu devo resgatar:

mão e cabeça, olho e orelha,

não são mais parte de mim,

tanto quanto este vermelho anel!

**WOTAN**

Chamas o anel de “teu bem”?

Deliras tu, desaforado anão?

Diz-me, exatamente, de quem tu tomaste o ouro,

com o qual o cintilante anel foi feito?

É “teu bem” aquilo que tu, pérfido, furtaste das profundezas da água? Às filhas do Reno vai então perguntar se, seu ouro, elas próprias te presentearam, ou se tu o furtaste para fazer teu anel!

**ALBERICH**

Ignominiosa perfídia,

vergonhosa fraude!

Me censuras, tu, trapaceiro,

pela façanha pecaminosa ardentemente desejada por ti?

Prazerosamente não roubarias, tu mesmo, o Ouro do Reno,

se adquirisses facilmente para ti o conhecimento e a arte de o forjar?

Qual resultado traz, para ti, presentemente, hipócrita,

se eu, o nibelungo, do fundo de uma angústia ignominiosa,

sob o constrangimento da fúria, tenha conquistado a terrível magia,

quando tu ris então jocosamente da obra?

De ser a mais funesta, cheia de maldição,

ato maldito,

ato pavoroso,

como brinquedo principesco para alegremente dever te servir?

Com minha maldição deverá a obra trazer proveito à tua alegria?

Tem cuidado, deus despótico!

Se eu cometi um crime, eu o cometi livremente contra mim mesmo: mas por tudo aquilo que foi, é e será, tu atentas, Eterno, contra ti mesmo, se me arrancares descaradamente o anel!

**WOTAN**

Dá-me o anel aqui!

Nenhum direito sobre ele

convences com a tua tagalerice.

(Com violência, ela arranca o anel do dedo de ALBERICH.)

**ALBERICH**

Ah! Arruinado! Esmagado!

Escravo, lamentavelmente, dos miseráveis!

**WOTAN**

Agora eu possuo o que me enaltece, o poderoso, poderosíssimo senhor!

**LOGE**

Está ele solto?

**WOTAN**

Desata-o!

**LOGE**

Enfia-te no rumo de casa! Nenhuma armadilha te deterá: livre, viaja para lá!

**ALBERICH**

Eu estou agora livre? VERDAdeiramente livre?

Que assim vos saúdo, então, com o primeiro cumprimento de minha libERDAde!

Como através de maldição eu o obtive, maldito seja esse anel!

Deu-me seu ouro força e poder desmedido, agora que sua magia gere ao presente a morte para todo aquele que o porte!

De nenhum contentamento deve alegrar seu possuidor;

que ninguém seja afortunado nem alegre com a sua luz brilhante! Aquele que o possuir,  
que a inquietude o torture;  
e àquele que não o possua que seja perseguido pela inveja!  
Que cada um aspire ao bem que ele representa,  
mas que ninguém dele desfrute de qualquer proveito!  
Que seu possuidor o detenha sem benefício,  
mas que tenha esse possuidor atração pelo homicídio!  
Jurado de morte, que o temor paralise o covarde;  
tanto que ele viva, que ele se consuma de cobiça,  
mestre do anel, mas escravo do anel:  
até que em minha mão eu o retenha de novo!  
Assim abençoa, com suprema angústia, o nibelungo, seu anel! Conserva-o agora, guarda-o bem: de minha maldição tu não escaparás nunca!

**LOGE**

Escutaste sua saudação amorosa?

**WOTAN**

Deixa-o desopilar o fígado!

**LOGE**

FASOLT e Fafner aparecem ao longe:  
Eles conduzem FREIA para cá.

**FROH**

Eles retornaram.

**DONNE**

Sejam bem-vindos, irmãos!

**FRICKA**

Trazes boas novas?

**LOGE**

Com astúcia e violência, a empresa foi alcançada: ali está o que libertará FREIA.

**DONNER**

Da custódia dos gigantes, nossa querida está se aproximando.

**FROH**

Que brisa suave podemos novamente respirar;  
que delicioso sentimento inebria os nossos sentidos!  
A tristeza acometeria a todos nós, se ficássemos separados dela para sempre, ela que nos outorga exultante alegria de uma eterna juventude feliz.

**FRICKA**

Queridíssima irmã,  
suavidade que só dá prazer!  
Estás retornando para junto de mim novamente?

**FASOLT**

Pare! Não a toques!

Ela ainda nos pertence.

No soberbo domínio de Riesenheim nós descansamos: com ânimo fiel, da prenda do pacto nós bem cuidamos. Arrependido como eu estou, eu a trago de volta, pagai-nos, a meu irmão e a mim, o preço de seu resgate.

**WOTAN**

Está à disposição a rescisão do contrato: que a quantidade de ouro seja então amigavelmente estipulada.

**FASOLT**

Ficar privado desta mulher, saiba, dá-me tristeza: se ela deve desaparecer de meus pensamentos, o tesouro das joias amontoai-o de tal maneira que à minha vista a florescente fique totalmente oculta!

**WOTAN**

Façais então a medida, segunda a estatura de FREIA.

**FAFNER**

Plantadas estão as estacas,  
segundo as medidas da prenda:  
enchei então acumulando no espaço o tesouro.

**WOTAN**

Apressai-vos com a obra: ela a mim é repugnante!

**LOGE**

Ajuda-me FROH!

FROH

Apresso-me para acabar com a vergonha de FREIA.

**FAFNER**

Não é fácil e relaxante encher o espaço!  
Encham a medida até à borda!  
Aqui eu espio ainda para fora: tapem-me a fenda!

**LOGE**

Para trás, tu, grosseirão!

**FAFNER**

Aqui!

**LOGE**

Não me pegue em nada!

**FAFNER**

Aqui! Obstruí a fenda!

**WOTAN**

Profundo em meu coração queima-me a vergonha.



**FRICKA**

Vejam, como em ignominiosa vergonha a nobre se sente:  
sem uma palavra, seu doloroso olhar implora a libertação.  
Marido cruel!  
Veja o que fizeste à bem-amada!

**FAFNER**

Ainda mais! Ainda mais aqui!

**DONNER**

Mal eu posso me conter:  
o desaforado patife desperta em mim cólera escumante! Aqui, animal!  
Se tu queres medir forças, mede-as então tu comigo!

**FAFNER**

Calma, DONNER!  
Desempenha o que vale a pena:  
aqui teu barulho não é de nenhuma utilidade!

**DONNER**

Descarado, mesmo se te fizer em pedaços?

**WOTAN**

Vamos ficar em paz!  
Parece-me que FREIA está totalmente encoberta!

**LOGE**

O tesouro acabou.

**FAFNER**

Os cabelos de FREIA brilham ainda para mim: lá, o tecido de metal, deita-o sobre o tesouro!

**LOGE**

Como, também o Elmo?

**FAFNER**

Depressa com ele aqui!

**WOTAN**

Deixa-o então levar!

**LOGE**

Assim estamos então quites.  
Estais satisfeitos?

**FASOLT**

FREIA, a bela, eu não mais a vejo:  
Agora está ela resgatada?  
Devo eu deixá-la ir?  
Ai de mim! Seu olhar ainda cintila até mim.  
A estrela de seu olho irradia ainda sobre mim: por uma fresta eu devo espiar!  
Enquanto eu ainda vir esse olho arrebatador, à mulher eu não renunciarei.

**FAFNER**

Ei! Eu vos aconselho, fechai-me a fissura!

**LOGE**

Insaciáveis!

Não vedes que todo o tesouro eu já vos passei? FAFNER

De modo nenhum, amigo!

No dedo de WOTAN brilha ainda um anel de ouro: dai-o para preencher a fenda.

**WOTAN**

Como! Este anel?

**LOGE**

Sejais razoáveis!

Às filhas do Reno pertence esse ouro: a elas WOTAN irá devolvê-lo.

**WOTAN**

Que palavras tu aí?

O que foi difícil a mim capturar, sem temor, eu o guardo para mim mesmo.

**LOGE**

Então é bem desagradável diante da promessa que eu fiz a elas quando se queixavam.

**WOTAN**

Tua promessa não me compromete: o anel fica comigo como despojo.

**FAFNER**

Mas aqui, para a rescisão do contrato, tu o deves colocar.

**WOTAN**

Exigis descomedidamente o que vós querieis: com tudo eu concordei, mas para o mundo inteiro eu digo que não deixarei partir convosco o anel.

**FASOLT**

Pois então está feito!

Fica tudo na mesma:

FREIA agora segue conosco para sempre!

**FREIA**

Ajudem-me! Ajudem-me!

**FRICKA**

Deus cruel, cede aos gigantes!

**FROH**

Não poupe o anel!

**DONNER**

Dá logo o anel!

**WOTAN**

Deixai-me em paz!  
O anel eu não o dou mesmo!

**(ERDA APARECE)**

**ERDA**

Cede, WOTAN, cede!  
Foge da maldição do anel!  
Sua retenção te endereça, sem remédio, uma sombria destruição.

**WOTAN**

Quem és tu, mulher que me adverte?

**ERDA**

Como tudo que era, eu sei.  
Como tudo que é, adivinho, assim como tudo que será.  
Eu o vejo assim:  
a primitiva mulher, do eterno mundo,  
ERDA, adverte tua coragem!  
Três das filhas, concebidas primitivamente, do meu útero nasceram: o que eu vejo, dizem-te as Nornas de noite. Mas, um perigo extremo me conduz hoje, a mim mesmo, até a ti.  
Escuta! Escuta! Escuta!  
Tudo isto que hoje existe, tomará um fim. Um sombrio dia se levanta para os deuses: eu te aconselho, foge do anel!

**WOTAN**

Plena de um sagrado mistério, ressoa em mim tua palavra.  
Demora ainda para que eu possa saber mais.

**ERDA**

Eu te avisei - tu já sabes o suficiente:  
Reflete, em inquietação e medo!  
(Ela desaparece)

**WOTAN**

Devo inquietar-me e temer - a ti, eu devo te prender para tudo conhecer!

**FRICKA**

Que queres tu, raivoso?

**FROH**

Para, WOTAN!  
Crê na nobre mensageira, respeita sua mensagem!

**DONNER**

Escutai, gigantes!  
De volta, e esperem: o ouro vos será dado.

**FREIA**

Posso ter esperança?  
FREIA vos parece, ela, deveras digna de resgate?

**WOTAN**

Para mim, FREIA!

Tu estás livre. Redimida (comprada de volta), nos devolverás a juventude! Vós, gigantes, levem vosso anel!

**FASOLT**

Espera, tu glutão!

Deixa para mim também alguma coisa!

Repartamos honestamente entre nós dois!

**FAFNER**

Davas mais importância à mulher que ao ouro, janota apaixonado; com pena e muito esforço, eu decidi pela troca, ó tonto!

Sem dividir, tu serias esposo de FREIA:

se eu divido o tesouro, com equidade, eu guardo a maior parte para mim!

**FASOLT**

Tu, infame!

Falas mal de mim?

(Dirigindo-se aos deuses)

Eu vos peço para servirem de árbitro: reparti segundo o direito, honestamente, o tesouro entre nós!

**LOGE**

O tesouro, deixa-o de lado: fica somente com o anel!

**FASOLT**

Para trás, tu, insolente!

Meu é o anel;

comigo ele fica pelos olhos de FREIA!

**FAFNER**

Fora com as mãos!

O anel é meu!

**FASOLT**

Eu o retenho e uso, a mim ele pertence!

**FAFNER**

Segure-o firme, não o deixe cair!

(De um só golpe, ele lança por terra a FASOLT, para depois arrancar, precipitadamente, o anel do moribundo.)

Agora pisca os olhos para FREIA: no anel tu não tocarás nunca mais!

**WOTAN**

Terrível agora

como eu discerno o poder da maldição!

**LOGE**

O que pode comparar-se, WOTAN com a tua sorte?

Muito ganhaste em deixar o anel;

que agora te foi tirado,

serve-te agora ainda mais:  
teus inimigos - vê, matam-se um ao outro,  
pelo ouro que tu entregaste.

**WOTAN**

Ainda me acho ligado pelo temor!  
Inquietação e medo embaraçam meus sentidos;  
como levá-las a termos, ensinar-me-á ERDA: até ela devo descer!

**FRICKA**

Onde te encontras, WOTAN?  
O castelo soberbo não te faz um sinal propício?  
Ele que espera agora impaciente de poder abrigar o mestre?

**WOTAN**

Com ruim recompensa eu paguei o edifício!

**DONNER**

Vapor sufocante flutua no ar;  
importuno me parece o embaciado;  
as pálidas nuvens, eu as ajunto de novo em tempestade  
que me limpam o céu!

Rê lá! Rê lá! Rê dô!

*Gewitter-Motiv (motivo da tempestade)*

Para mim, vapores!

Exalações, a mim!

DONNER, o chefe, vos mobiliza!

Ao choque do martel, ajuntai-vos aqui:

Estufa vaporosa, vapores flutuantes!

DONNER, o senhor, vos mobiliza!

Rêdá! Rêdá! Rêdá!

Irmão venha aqui,

mostre o caminho da ponte!

*Regenbogen-Motiv (motivo do arco-íris)*

**FROH**

Ao castelo a ponte conduz fácil, então apressem os vossos passos: pisai audazes seus trilhos tranquilizador!

**WOTAN**

No radiante crepúsculo, o olho do sol, na suntuosa claridade, resplandece o castelo: no clarão da manhã, bilha feericamente,  
ele estava sem senhor, desfraldando suas seduções diante de mim.

De manhã até à noite, em tristeza e agonia, sem prazer ele foi conquistado!

A noite aproxima-se:

contra sua aversão, que ele exiba proteção agora.

(Como sob o efeito de um grande desígnio, em um tom muito resoluto.)

Assim eu saúde o castelo,

digno de confiança contra o terror e o medo!

Segue-me, mulher: no Walhala, habita comigo!

**FRICKA**

Que significa o nome?

Nunca, parece-me, eu o ouvi dizer.

**WOTAN**

Isto que, como dominando o medo,  
minha coragem imaginou,  
no dia do triunfo, que o senso o esclareça para ti!

**LOGE**

Eles estão apressando o seu fim, esses que se estimam tão forte.  
Quase eu me envergonho de trabalhar com eles.  
Tornar a tomar a minha forma de chama móvel, eu já experimento a agradável tentação.  
Ah, destruídos esses lá,  
que me foram outrora subjugados, fico na minha, no lugar de me perder estupidamente com os obcecados, e fossem eles os mais divinos dos deuses!  
Isto lá não me pareceria estúpido!  
Eu quero refletir sobre isso: quem sabe o que eu farei!

**AS TRÊS FILHAS DO RENO**

Ouro do Reno! Ouro do Reno!  
Ouro puro!  
Resplandecente e claro,  
que tua claridade brilhe sobre nós!

**WOTAN**

Que lamentação chega até mim?

**AS TRÊS FILHAS DO RENO**

Por ti e por tua claridade nós agora lamentamos.

**LOGE**

As meninas do Reno queixam-se do roubo do ouro.

**AS TRÊS FILHAS DO RENO**

Dá-nos o ouro, dá-nos o ouro!  
Oh, restitui o ouro puro!

**WOTAN**

Malditas ondinas!  
Calai-as com sua irritação.

**LOGE**

Vós lá, na água, o que lamentais até aqui em cima?  
Ouvi, o que WOTAN vos deseja.  
Se o ouro não brilha mais para vós, filhas,  
na nova radiação dos deuses vocês poderão banhar-se agora felizes.

**AS TRÊS FILHAS DO RENO**

Ouro do Reno! Ouro do Reno!  
Ouro puro!  
Ah, se reluzisses ainda nos abismos com tua excitante claridade!  
Cordial e fiel, só o és nas profundezas:  
falso e covarde é aquele que se regozija lá no alto!